

Dicionário de Estrangeirismos

Métodos de Adaptação em Português Europeu

Maarten Janssen & Sílvia Barbosa
Instituto de Linguística Teórica e Computacional

0. Introdução

Com esta comunicação propomo-nos analisar os métodos utilizados na adaptação dos estrangeirismos à língua portuguesa. Em particular, iremos comparar as estratégias de adaptação fonética segmental que são realizadas nos estrangeirismos de origem inglesa e francesa para o português europeu. Esta análise tem por base as transcrições fonéticas de estrangeirismos recolhidas em dicionários, disponíveis no recém-criado *Dicionário de Estrangeirismos*¹.

No português europeu (doravante PE), ao contrário do que se tem verificado em línguas como o neerlandês e o inglês, os estrangeirismos têm sido adaptados a diferentes níveis, nomeadamente ao nível da ortografia e da pronúncia, como podemos observar em palavras como *líder* ['lídɛr] (*leader* ['li:də'ɹ]), *futebol* [futi'βɔt] (*football* ['fʊtbɔ:l]) e *acordeão* [əkɔrdjẽ] (*acordeon* [əkɔrdeɔ]). Recentemente, porém, parece existir alguma relutância por parte dos falantes em adaptar a grafia das palavras estrangeiras, porventura por influência da globalização e consequente familiarização com outras línguas. Neste contexto, o novo dicionário funciona como um repositório actualizado de estrangeirismos e assume particular interesse porque nele se podem encontrar, a par das formas de origem, as formas aportuguesadas usadas e/ou propostas pelos dicionários de língua portuguesa.

O *Dicionário de Estrangeirismos* (DE) apresenta, para todas as entradas, a transcrição fonética obtida nos principais dicionários portugueses, a par da que é apresentada em dicionários da língua de origem (no entanto, esta informação não está disponível, nesta fase, para consulta do público em geral). O presente trabalho surgiu da recolha e comparação das transcrições fonéticas disponíveis para cada palavra. Esta informação recolhida permite-nos apresentar neste artigo uma análise das várias transcrições para a mesma palavra.

Procuraremos mostrar que diferenças significativas existem nas estratégias de adaptação utilizadas para palavras das duas línguas que mais frequentemente fornecem estrangeirismos ao PE, o inglês e o francês. Antes de avançarmos para a análise dos dados, porém, faremos uma apresentação detalhada da disposição e conteúdo do *corpus*.

¹ Dicionário de Estrangeirismos em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=estrangeirismos>.

1. *Corpus*

1.1 *MorDebe*

A *MorDebe* é uma base de dados lexical que contém todas as palavras presentes no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (DLPC) e no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (GDPL), bem como uma selecção de palavras do *Dicionário Houaiss* (versão PE) e ainda um número reduzido de palavras que ocorreram com frequência nos jornais *Público* e *Diário de Notícias*. Neste momento, as palavras não-dicionarizadas representam apenas 1% da base de dados, o que faz com que a *MorDebe* possa ser vista, em termos gerais, como um repositório das palavras dicionarizadas do PE.

A *MorDebe*, desenvolvida pelo ILTEC, contém actualmente mais de 136 000 lemas, para os quais se fornece não só as formas de citação, mas também informação formal, como sejam os paradigmas flexionais, algumas relações derivacionais, a silabificação, e, num futuro próximo, a transcrição fonética. A *MorDebe* tem livre acesso através do *Portal da Língua Portuguesa* (<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>), onde é possível realizar diferentes tipos de pesquisa, consoante o que se pretenda extrair da base de dados.

1.2 *Seleccção dos estrangeirismos*

O *Dicionário de Estrangeirismos* contém todos os estrangeirismos não-adaptados ortograficamente presentes na *MorDebe*, isto é, todos os estrangeirismos registados no DLPC e no GDPL, assim como os que são utilizados com relativa frequência nos meios de comunicação portugueses. A selecção foi feita tendo por base a violação das regras da ortografia ou da relação grafia-pronúncia do português. Uma palavra é classificada como estrangeirismo se tiver pelo menos uma das seguintes propriedades:

- (i) consoantes não pertencentes ao alfabeto básico do português (k, w, y);
- (ii) combinação entre diacrítico e grafema não existentes no PE (*calèche*);
- (iii) sequências consideradas grafemicamente não-naturais em português (*hippie, meeting*)

Foram ainda consideradas estrangeirismos palavras que não violam as regras de ortografia, mas que possuem uma pronúncia que se desvia da esperada: por exemplo, a palavra *rouge* é pronunciada [ʁuʒ] com [u] e não como [ow]/[o].

Em consequência destes critérios de selecção, não foram incluídas no DE todas as palavras de origem estrangeira. Todos os estrangeirismos já adaptados tanto a nível fonético como a nível ortográfico (e.g. *glide*, que já tem a pronúncia [glidi] dicionarizada) não se encontram no DE. O mesmo sucede com palavras para as quais nenhuma adaptação a qualquer dos níveis parece necessária, como acontece com *clone*, dado que é difícil confirmar ou refutar que a adaptação ao português seja já total.

Por outro lado, nem todas as palavras que violam as regras acima enunciadas foram incluídas. Entre as principais palavras excluídas contam-se aquelas provenientes de línguas mortas como *habitat* (do latim), palavras tiradas das línguas autóctones de países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como *mbwane* (do

ronga), e palavras compostas e derivadas a partir de estrangeirismos, como *disco-jockey* e *windsurfista*.

De um modo geral, a selecção dos estrangeirismos dicionarizados não-adaptados de línguas vivas fornece um conjunto de palavras homogéneo: são palavras suficientemente incorporadas no léxico do português para estarem dicionarizadas, mas que, em simultâneo, são recentes (ou apresentam marcas estrangeiras fortes) para que se conserve a forma gráfica original.

1.2.1 Aportuguesamento e língua de origem

O DE contém não apenas a listagem de todos os estrangeirismos presentes na *MorDebe*, mas também as formas aportuguesadas e o seu equivalente em português e na língua de origem. Toda a informação apresentada no DE foi recolhida, exclusivamente, no GDLP e no DLPC e pode ser pesquisado no *Portal da Língua Portuguesa*, onde o DE está incorporado.

Os critérios que orientaram o registo das formas dicionarizadas levam a que o DE contenha não só aportuguesamentos já totalmente consensuais na grafia do português, mas também os aportuguesamentos propostos no DLPC como *mítigue* para *meeting*, incluindo formas controversas como *croissã* para *croissant*.

Uma vez que o DE tem como objectivo dar conta das formas registadas pelos dicionários gerais de língua não pode, portanto, ser entendido como uma proposta de criação planificada de neologismos. Tomámos a opção de não propor um aportuguesamento ou um equivalente para cada estrangeirismo que não o tem, listando apenas as formas constantes dos dicionários que tomámos por referência ou frequentes nos meios de comunicação social.

1.3 Transcrição Fonética

A base de dados de transcrições fonéticas do DE engloba:

- (i) 1130 transcrições fonéticas (de acordo com os critérios de cada dicionário) registadas nos dicionários DLPC e GDLP;
- (ii) 724 transcrições fonéticas de acordo com um dicionário monolíngue de língua de origem para as línguas com maior representatividade: inglês – *Longman Dictionary of Contemporary English* (LDOCE); francês – *Le Nouveau Petit Robert*; italiano – *Il Nuovo Zingarelli: vocabolario della lingua italiana*;
- (iii) 342 transcrições fonéticas para todas as formas aportuguesadas dos estrangeirismos no DE.

No total foram incorporadas 2196 transcrições fonéticas. Devido ao facto de assentarmos a nossa pesquisa apenas em dados registados nos dicionários que seleccionámos, para algumas palavras não foi possível recolher a sua transcrição fonética, por diversos motivos: (i) nem todas as palavras estão associadas a uma transcrição fonética nos dicionários portugueses; (ii) o mesmo sucede com algumas palavras registadas nos dicionários de língua de origem, que não apresentam a

transcrição; (iii) nem todos os estrangeirismos encontrados em dicionários do português são incluídos como entradas nos dicionários de língua de origem, nomeadamente, as palavras compostas e derivadas (como *water-closet*, *canyoning*).

Visto que se utilizaram dois dicionários portugueses para as transcrições, foi necessário uniformizar os critérios por eles utilizados, quer em relação à diferente localização do acento em algumas palavras, quer em relação à assystematicidade dos símbolos utilizados. As transcrições fonéticas não se encontram ainda em linha pelo facto de não ter sido ainda feita uma segunda verificação da sua sistematicidade e coerência.

1.4 Corpus

O *corpus* de estrangeirismos comporta um total de 1130 palavras, às quais foram associadas 2196 transcrições fonéticas: sendo 1130 as transcrições recolhidas nos dicionários DLPC e GDLP, 724 as transcrições recolhidas junto aos dicionários da língua de origem e as restantes 342 as transcrições correspondentes às formas aportuguesadas também recolhidas nos DLPC e GDLP.

Relativamente à proveniência das palavras foram, recenseadas 17 línguas. O nosso estudo incidirá sobre as duas línguas mais representativas: o inglês, com 62%, e o francês, com 22.5%, números apresentados na tabela 1 abaixo.

Proveniência	palavras	%
Inglês	704	62
Francês	254	22.5
Italiano, Japonês, Alemão	89	8
Norueguês, hebraico, dinamarquês, maori, sânscrito, sueco, espanhol, neerlandês, chinês, árabe, russo, nórdico	41	4
Proveniência indeterminada	42	3.5

Tabela 1. Proveniência dos estrangeirismos

Descrição e Análise dos Dados

2.1 Método de comparação

A análise apresentada neste artigo assenta na comparação de duas transcrições fonéticas para a mesma palavra, o mesmo é dizer, uma transcrição encontrada no dicionário monolíngue de língua de origem e outra da mesma palavra com a mesma ortografia mas registada num dos dois dicionários de língua portuguesa. Por exemplo, para a palavra *meeting*, comparámos a transcrição registada no LDOCE [mi:tiŋ] com a transcrição [mifi] registada no DLPC.

Tendo em conta que cada um dos dicionários espelha através da transcrição fonética a pronúncia ideal da palavra em questão, a comparação destas duas transcrições dá-nos uma perspectiva sobre o processo de adaptação envolvido nessa palavra.

A comparação das duas transcrições é feita segmento a segmento, isto é, para cada segmento da transcrição da palavra no dicionário de língua de origem descrevemos o que ocorre no processo de adaptação desse segmento ao português. Assumimos que há, para cada segmento, quatro processos possíveis, seguindo as estratégias de adaptação descritas por Deroy (1956) a saber:

- i) Manutenção – o segmento da transcrição da língua de origem aparece na transcrição do português sem alterações: como o segmento [m] em *meeting*, que é mantido em PE;
- ii) Substituição – o segmento da transcrição da língua de origem é elidido na transcrição em português, porque não existe tal segmento, mas é substituído por um segmento similar: o segmento [i:] em *meeting* é substituído por [i];
- iii) Elisão – o segmento da transcrição da língua de origem é elidido na transcrição em português: o segmento [h] em *hobby* não surge na transcrição do PE [ˈɔbi];
- iv) Inserção – um segmento que não existia na transcrição da língua de origem pode ser inserido na transcrição em português: o segmento [ʃ] em *maquis* [ma'kiʃ] não é produzido em francês;

Na elaboração do DE recolhemos as transcrições fonéticas da língua de origem e da língua de chegada para uma comparação segmento a segmento. Neste artigo, apresentamos, para cada segmento-alvo, os segmentos a si associados na adaptação PE com a contagem do número total de ocorrências. Por exemplo, recolhemos o número total de ocorrências de vogal [o] em francês, tal como o número de casos no qual ele é mantido, o número de casos nos quais ele é elidido e as contagens dos segmentos de substituição.

No caso das estratégias modificadoras (substituição, elisão e inserção) tentaremos ainda compreender a possível motivação para a mudança – incompatibilidade fonotáctica, influências ortográficas, paralelismo entre palavras, etc. – e analisaremos o que sucede ao acento de palavra – se se mantém ou desloca.

Optámos por dividir a análise dos dados de cada língua em estudo em três subgrupos:

1. a adaptação de segmentos vocálicos;
2. a adaptação de segmentos consonânticos;
3. a mudança da posição acentual.

Devido a problemas inerentes à segmentação de constituintes, não foi incluída a análise de ditongos.

2.2 Estrangeirismos do Francês

2.2.1 Vogais

No que respeita aos segmentos vocálicos do francês, cerca de metade do inventário existe em PE. Para as vogais que existem em ambas as línguas não há *a priori* motivo para a modificação. Contudo, o que se verifica é que um número significativo destas vogais é alvo de modificações, apresentando diferentes formas de adaptação, como se pode ver na tabela 2. Por exemplo, há manutenção do segmento [e] em 49 das suas 65 ocorrências; no entanto nos outros 16 casos observa-se uma substituição ou elisão: 9 casos em que o [e] é substituído por [ɛ] como em *régie*, 6 casos em que a vogal é reduzida para [i] como em *mêlée*, e um caso em que o segmento é elidido (*feèrie*).

Nº total	FR.	contagem	PE	Exemplo	Francês	Português
130	a	117 – 90%	a			
		11 – 8%	e	<i>accordéon</i>	[akɔrdɛõ]	[ekɔrdɛ'õ]
65	e	49 – 75%	e			
		9 – 13%	ɛ	<i>régie</i>	[reʒ]	[RE'ʒi]
		6 – 9%	i	<i>mêlée</i>	[mele]	[mi'le]
		1 – 1%	-	<i>feèrie</i>	[fe(e)ri]	[fe'ri]
65	ɛ	58 – 90%	ɛ			
		5 – 8%	e	<i>ballet</i>	[balɛ]	[bal'e]
		1 – 1%	e	<i>réveillon</i>	[REVEjõ]	[REVEj'õ]
		2 – 3%	ẽ	<i>soutien</i>	[sutje]	[su'tjẽ]
26	o	22 – 85%	o			
		4 – 15%	ɔ	<i>entrecôte</i>	[ã trɛkot]	[ẽ tri'kotɨ]
38	ɔ	36 – 95%	ɔ			
		1 – 3%	u	<i>robot</i>	[rɔbo]	[ru'bo]
		1 – 3%	o	<i>cloisonnée</i>	[klwazɔne]	[klwazo'ne]

Tabela 2. Adaptação das vogais existentes em francês e em português

Para as outras vogais constantes na tabela o segmento é mantido em, respectivamente, 90% dos casos para o [a], 89% para o [ɛ], 85% para o [o] e 95% para o [ɔ]. De todo o inventário, apenas os segmentos [i] e [u], com 63 e 44 ocorrências, respectivamente, não apresentam qualquer modificação no nosso *corpus* e mantêm-se na totalidade dos casos, como de resto seria de esperar para vogais que existem nos inventários fonéticos de ambas as línguas.

Para as vogais apenas existentes no inventário do francês (que são [ɑ, ʏ, œ, ø, ɤ, ə]) há necessidade *a priori* de adaptação ao sistema português. Só em casos excepcionais se mantém uma vogal não-adaptada, como o [ɤ] em *surmenáge*. Em geral, existe um

substituto regular para cada segmento: [a] para [ɑ], [w] para [ʊ], [e] para [æ], [ø] para [ø], [y] para [u] e [i] para [e]. Só [y, ø] apresentam uma alternativa de substituição, embora num número reduzido de casos. Também para as vogais nasais do francês ([ã, õ, ê, õ, ĕ]) nenhuma das quais existente em português, a forma de adaptação é regular, sendo que o segmento é modificado para uma vogal nasal do português com ponto/modo de articulação semelhante ([ẽ, ê])

2.2.2 Consoantes

No que diz respeito às consoantes do francês, [p, t, k, b, d, g, m, n, f, j, v, z, ʒ, r], todas existem em português. Neste caso, a adaptação é muito pouco frequente: o processo que se aplica, por regra, é a manutenção. Verificam-se apenas três segmentos que apresentam algum tipo de modificação, sendo esta devida a razões contextuais: o [l], o [s] e o [ʀ]. Apenas nas palavras *palmier*, *rappel*, *rimme* [l] passa a [ʎ], mantendo-se em todos os outros casos [l]; [s] é substituído por [ʃ] em final de sílaba e de palavra (como em [kuskus], que passa a [kuʃ'kuʃ]); e o [ʀ] é adaptado para [r] excepto em contexto de início de sílaba.

2.2.3 Acento

Analisar a deslocação ou manutenção do acento do francês é complicado, dado que o francês é considerado por vários autores (entre eles Grammont, 1963) como sendo apenas detentor de acento prosódico e não de acento de palavra. Além disso – e talvez precisamente por isso –, os dicionários de francês não apresentam qualquer indicação acentual. No entanto, como proposto por Garde (1968), o francês pode ser considerado uma língua de acento fixo: "all [French] words have final stress" (Post, 2000). É este acento (prosódico ou de palavra, consoante a teoria) no final de palavra que se tem em conta na nossa análise.

Posto isto, todos os estrangeirismos do francês mantêm o acento na localização original. O único caso de possível exceção é *maquillage* [makijaʒ] que em português é transcrita como sendo acentuada numa sílaba em posição diferente do francês [maki'az]. Dado que se adiciona, em muitos casos, uma vogal final que modifica a estrutura silábica original (por exemplo, CVC torna-se CVCV com a introdução de uma vogal [i]).

2.3 Estrangeirismos do Inglês

2.3.1 Vogais

O inventário das vogais do inglês apresenta muitas diferenças face ao português. As únicas três vogais que existem em ambas as línguas são o [u, i, ε] – o único segmento que é sempre mantido é o [u], sendo o [i] mantido em 93% dos casos, e o [ε] em 80%.

Para a análise das vogais não existentes no português optámos por dois grandes grupos: as vogais breves e as vogais longas. A distribuição de adaptação para as vogais

breves é apresentada na tabela 3. A adaptação do [ʊ] e de [ɒ] é bastante regular, com adaptação para o mesmo segmento em 100% e 95% dos casos, respectivamente. No entanto, a adaptação de [æ] é aquela que apresenta maior assistemática (das 64 palavras, 19 formas passam a [a], 16 passam a [ɛ], 14 passam a [ɐ] e, por fim, 12 passam a [ẽ]). Também para as outras vogais deste grupo existe variação significativa na adaptação para o português, o que quer dizer que para a adaptação das vogais nativas do inglês não há (ainda) o mesmo nível de regularidade que existe para o francês.

Nº	Ing.	contagem	PE	Exemplo	Inglês	Português
13	ʊ	11	u	<i>input</i>	[ˈɪnpʊt]	[ɪnˈput]
2	ɑ	1	a	<i>aftershave</i>	[ˈɑftəˈʃeɪv]	[ˈaftəʃeiv]
		1	ɔ	<i>sitcom</i>	[ˈsɪtkɑm]	[sɪtˈkɔm]
69	ɒ	66	ɔ	<i>boss</i>	[bɒs]	[ˈbɔs]
		2	õ	<i>sponsor</i>	[ˈspɒnsə]	[ˈspõsor]
		1	a	<i>yacht</i>	[jɒt]	[ˈjat]
37	ʌ	18	e	<i>bluff</i>	[blʌf]	[ˈblef]
		12	ẽ	<i>funk</i>	[fʌŋk]	[ˈfẽ k]
		3	u	<i>bus</i>	[ˈbʊs]	[ˈbuʃ]
		1	ũ	<i>shantung</i>	[ʃæntʌŋ]	[ʃẽ ˈtũg]
64	æ	19	a	<i>smash</i>	[smæʃ]	[ˈsmaʃ]
		16	ɛ	<i>pack</i>	[pæk]	[ˈpɛk]
		14	e	<i>gang</i>	[gæŋ]	[ˈgẽ g]
		12	ẽ	<i>ranking</i>	[ˈræŋkɪŋ]	[ˈrɛkĩ g]
123	ɪ	67	i	<i>bridge</i>	[brɪdʒ]	[ˈbrɪdʒi]
		38	ĩ	<i>flint</i>	[flɪnt]	[ˈfli t]
		6	e	<i>budget</i>	[ˈbʌdʒɪt]	[ˈbedʒɛt]
		4	ĩ	<i>marketing</i>	[ˈmɑ:kɪtɪŋ]	[ˈmarkĩĩ g]
		1	-	<i>establishment</i>	[ɪˈstæblɪʃmənt]	[((i)ˈtablɪfĩmẽ t]

Tabela 3. Adaptação das vogais do inglês ao português

Relativamente ao grupo das vogais longas, visto que tal propriedade não existe no PE, as adaptações encontradas são, regra geral, sempre as variantes breves dessas mesmas vogais, por exemplo [i] para [i:], com poucas excepções. Apenas os casos [ɔ:,ɜ:] apresentam variação de realização, visto que a variante não longa das mesmas não existe no inventário português, como se pode ver na tabela 4.

Nº total	Ing.	contagem	PE	Exemplo	Inglês	Português
26	ɑ:	20	a	<i>bar</i>	[bɑ:ʔ]	[ˈbɑ]
		3	ɔ	<i>cocker</i>	[kɔkə]	[ˈkɔkɐ]
		1	ɛ	<i>derby</i>	[ˈdɑ:bi]	[ˈdɛrbi]
		3	ẽ	<i>sample</i>	[ˈsɑ:mpəl]	[ˈsẽ pɐ]
32	i:	29	i	<i>briefing</i>	[ˈbri:fiŋ]	[ˈbrifi ɣ]
		2	ɛ	<i>yield</i>	[ji:ld]	[ˈjɛld]
		1	e	<i>vegan</i>	[ˈvi:gən]	[ˈveɣɐ]
19	u:	17	u	<i>blues</i>	[blu:z]	[ˈbluz]
		1	ũ	<i>cartoon</i>	[kɑ:ˈtu:n]	[kɑˈtun]
10	ɜ:	6	e	<i>flirt</i>	[flɜ:t]	[ˈflɛrt]
		3	o	<i>workshop</i>	[ˈwɜ:kʃɔp]	[ˈwɔrkʃɔp]
1	a:	1	a	<i>yard</i>	[jɑ:d]	[ˈjɑrd]
27	ɔ:	27	ɔ	<i>shorts</i>	[ʃɔ:ts]	[ˈʃɔrtʃ]

Tabela 4. Adaptação das vogais longas do inglês ao português

2.3.2 Consoantes

No que diz respeito às consoantes, temos um grupo que apresenta manutenção do segmento ([p, k, b, g, f, ʃ, v, ʒ]); um segundo grupo ([t, d, n, m]) que apresenta manutenção na maioria dos casos, mas também alguns exemplos de elisão do segmento; um terceiro grupo também existente em ambos os sistemas, mas que os segmentos apresentam realizações diferentes (é o caso de [s, z, l, r]); um outro grupo que diz respeito a segmentos que não existem no sistema português e que como tal sofrem um de dois processos possíveis: ou são elididos, como [h, ŋ], ou são substituídos por um segmento mais próximo, como [ə] para [t] e [ʔ] para [r].

2.3.3 Acento

Da totalidade dos estrangeirismos, 35% são palavras monossilábicas em que, por motivos óbvios, se assiste à manutenção do local de acento em PE. Nas palavras polissilábicas verificam-se duas possibilidades: 67% mantêm a localização original do acento e em 33% observa-se modificação da posição acentual.

A posição do acento nos estrangeirismos parece obedecer mais às regras de colocação do acento em português do que à influência da posição do acento que o estrangeirismo terá na sua língua de origem. No entanto, a posição do acento que existia na língua de origem não deixa de ser relevante, resultando num conjunto de casos que padecem de explicação clara à luz das regras do português. Por exemplo, palavras como *trolleybus* e *gentleman* são consideradas esdrúxulas em português.

Outras palavras como *knockout* ou *layout* possuem uma construção muito semelhante a vários níveis, mas apresentam posições acentuais divergentes. É ainda de interesse acrescentar que, para casos como *replay* (que, em inglês, corresponde a duas palavras: quando se trata de nome deverbal, recebe acento inicial, ao passo que quando é verbo recebe acento final), o que se observa em português é uma aparente insensibilidade a este tipo de acento, dependente de outros factores.

2.4 Comparação entre francês e inglês

As adaptações de palavras provenientes do francês acarretam menos vezes uma mudança acentual do que os estrangeirismos provindos do inglês. Isto poderá dever-se ao facto de a localização do acento em francês apresentar uma distribuição mais próxima da do português. Em inglês, a deslocação dá-se muitas vezes, mas não sempre, para a posição regular do acento em português.

No que respeita às vogais que não constam do elenco do português, com palavras oriundas do francês a adaptação é na maior parte dos casos regular e previsível. No caso do inglês, no entanto, o tipo de adaptações observadas é mais heterogéneo.

2.5 Adaptações Ortográficas

Colocámos no DE, a par da forma da palavra na língua original, também a forma aportuguesada. Estas formas aportuguesadas que listámos pretendem ser a adaptação da palavra para a ortografia portuguesa. A transcrição fonética da palavra original já apresenta uma adaptação de pronúncia, como indicado na parte anterior desta secção. Assim, seria de esperar que a transcrição da forma original e da forma adaptada fossem idênticas.

Em muitos casos isso é de facto o que sucede, como no seguinte exemplo: a palavra *lobby* é pronunciada na língua original como [ˈlɒbi] mas é registada nos dicionários portugueses como [ˈlɔbi], forma já adaptada ao sistema fonotáctico português. O aportuguesamento regular para esta forma, ainda que a necessidade da sua existência em português possa ser questionável, é *lóbi*, o que corresponde ao aportuguesamento incorporado no DLPC, com a mesma transcrição fonética.

Dos 322 aportuguesamentos dicionarizados que incorporámos no DE, 42% das ocorrências apresentam uma total correspondência entre a transcrição fonética da forma não-adaptada do empréstimo e do seu aportuguesamento. No entanto, para os outros casos (187, 58% dos aportuguesamentos) existem diferenças entre as transcrições destas duas formas, como pode ser observado na tabela 5.

Fenómeno	Nº	original	AFI	aportuguesamento	AFI
Sem alterações	135	<i>hara-kiri</i>	[araˈkiri]	<i>haraquíri</i>	[araˈkiri]
Inserção de [i]	55	<i>snob</i>	[ˈsnɒb]	<i>snob<u>e</u></i>	[ˈsnɔbi]
Alteração fonética	75	<i>sheik</i>	[ˈʃeɪk]	<i>x<u>e</u>que</i>	[ˈʃekɨ]
Alteração morfológica	57	<i>bricolage</i>	[brikoˈlaʒi]	<i>bricol<u>a</u>gem</i>	[brikoˈlaʒɐ]

Tabela 5. Fenómenos ocorridos nas formas adaptadas

As modificações podem ser divididas em três grandes grupos. Em cerca de 30% das palavras aportuguesadas existe uma modificação ‘marginal’: apenas se verifica a introdução de [i], como na palavra *snobe*. Esta introdução é mínima, no sentido em que a articulação do [i] é muitas vezes opcional e não sentida em registo espontâneo, e tem mais a ver com questões de silabificação (Freitas, 2004).

Nos restantes 30% dos casos, o aportuguesamento não reflecte somente uma modificação ortográfica, mas sim adaptações morfológicas para o sistema do português, como em *bricolagem*. Estas formas podem não ser consideradas aportuguesamentos.

Por fim, em 75 situações há uma diferença articulatória entre o aportuguesamento e a forma original. Por exemplo, o aportuguesamento de *xequê* é entendido como a escrita portuguesa da palavra *sheik*, mas a pronúncia das duas é divergente, de acordo com o registado nos dicionários. Estas 75 palavras não funcionam como aportuguesamentos por si só, mas são classificadas como tal. Exemplos de aportuguesamentos híbridos são palavras como *ianque* [ˈjɛ̃ ki](*yankee* [ˈjæŋki]), *loesse* [loˈɛsi] (*loess* [ˈlos]), *icebergue* [ˈajsibɛrg] (*iceberg* [ajsɪˈbɛrgi]) e *croissã* [krwaˈsɛ̃] [*croissant* [krwasã]).

3. Conclusões

Como indicado neste artigo, o inglês e o francês são as línguas mais produtivas como línguas de proveniência dos empréstimos actualmente existentes em PE. Há, entre as duas, diferenças significativas nas estratégias de adaptação utilizadas.

A adaptação das palavras do francês é muito regular, sendo a pronúncia do estrangeirismo muito previsível a partir da pronúncia dos segmentos individuais do original. O acento também não sofre mudanças nos exemplos do francês.

Devido às maiores diferenças entre as línguas, os estrangeirismos provenientes do inglês não são tantas vezes adaptados e, nos casos em que o são, as estratégias de adaptação são variadas e o acento é muitas vezes deslocado, mas não sempre para a mesma posição estrutural.

Há muitas palavras registadas nos dicionários com o estatuto de aportuguesamentos, mas que na verdade não são meras variações ortográficas dos estrangeirismos não-adaptados, tendo uma pronúncia diferente. No futuro, reconsideraremos a incorporação destes aportuguesamentos no dicionário.

Os dados do novo Dicionário de Estrangeirismos apresentados neste artigo são necessariamente temporários: novas palavras são constantemente adicionadas à *MorDebe*, sendo principalmente recolhidas nos meios de comunicação; entre elas um número relativamente elevado de estrangeirismos, dado que o empréstimo é um dos processos mais produtivos da neologia.

É evidente que a análise das transcrições dicionarizadas não é o método ideal para o estudo de fenómenos fonéticos: a transcrição fonética dicionarizada não é nem estreita nem larga, o dicionário não representa a variação entre os falantes e assume uma posição entre o normativo e o descritivo, e, por vezes, as transcrições podem até conter grialhas. Por isso, seria de todo conveniente realizar no futuro uma comparação com dados do discurso oral.